

PARAGEM E MOVIMENTO: DESDOBRAMENTOS DO PESQUISAR EM PSICANÁLISE

STOPPAGE AND MOVEMENT: DEVELOPMENTS OF RESEARCH IN PSYCHOANALYSIS

Mônica Medeiros Kother Macedo¹

Resumo: O artigo aborda os desdobramentos do pesquisar em psicanálise na referência à paragem e ao movimento, condições ancoradas tanto na estabilização como na incompletude do descoberto. Na obra freudiana, o reconhecimento da história constituída alimenta a força e a convicção do movimento a ser empreendido no passo a mais, fazendo com que a incompletude do saber e o não dogmatismo instituem uma psicanálise que não pode prescindir da prática investigativa. Na reflexão proposta neste artigo, entende-se que a relação de um psicanalista com o legado freudiano e com seu exercício de escuta pode encontrar, na modalidade de pesquisa desenvolvida no cenário da universidade, importante linha de força em defesa de uma psicanálise que reconhece, tanto na história construída como no futuro a construir, profícuas condições de presença.

Palavras-chave: Psicanálise. Pesquisa. Universidade. Formação analítica.

Abstract: The article discusses the developments of research in psychoanalysis in reference to stoppage and movement, conditions anchored both in the stabilization and in the incompleteness of the discovery. In Freud's work, the recognition of constituted history feeds the strength and conviction of the movement to be undertaken in the extra step, causing the incompleteness of knowledge and the non-dogmatism to institute a psychoanalysis that cannot do without the investigative practice. In the reflection proposed in this article, it is understood that the relationship of a psychoanalyst with the Freudian legacy and with their exercise of listening can find, in the modality of research developed in the university scenario, an important line of force in defense of a psychoanalysis that recognizes, both in the history built and in the future to be built, fruitful conditions of presence.

Keywords: Psychoanalysis. Research. University. Analytical training.

¹ Psicanalista. Bolsista Produtividade em Pesquisa CNPq. Professora do Programa de Pós-Graduação Psicanálise - Clínica e Cultura - UFRGS. Membro do GT Psicanálise, subjetivação e cultura contemporânea da ANPEPP e do Grupo Brasileiro de Pesquisa Sándor Ferenczi.
E-mail: monicamkm@icloud.com

“Somente uma pesquisa paciente e perseverante, na qual tudo esteja subordinado à única exigência da certeza, poderá gradativamente ocasionar uma transformação. O viajante surpreendido pela noite pode cantar alto no escuro para negar os seus próprios temores; mas, apesar de tudo isto, não enxergará mais que um palmo adiante do nariz” (Freud, 1976b, p. 118).

Pesquisar, como prática da capacidade humana investigativa, está, *pari passu*, vinculado à condição inesgotável do conhecimento. Reconhecidas as condições diversas, mediante as quais se define conhecimento, sabe-se que cada ciência exerce, no campo demarcado por especificidades teóricas e metodológicas, a prática da pesquisa voltada aos objetos e fenômenos que se propõe explorar.

O curso de uma investigação, quando distante da imposição ditatorial do que é ou não ciência e do rechaço à heterogeneidade do saber, não se restringe a protocolos ou medidas de verificação e replicabilidade. No amplo e diverso contexto das disciplinas, a psicanálise encontra na especificidade das investigações às quais se propõe ecos fundamentais referentes à sua origem e vigência. Sustentadas no acento conferido ao não dogmatismo próprio à sua prática, as investigações em psicanálise serão consideradas, neste texto, como desdobramentos da alternância entre o que se denomina paragem e o movimento que lhe sucede. Assim, a fecundidade dessa intercalação confere e imprime ao desdobramento do pesquisar, em psicanálise, um ritmo no qual a história e a incompletude do saber sustentam condições para que o método se consolide, a teoria se amplie e a especificidade de sua leitura sobre o psíquico seja sempre revigorada.

Nessa direção, paragem remete, no contexto que se propõe explorar neste artigo, à condição de admitir, no caminho investigativo percorrido, o valor dos achados presentes na história, sob uma modalidade de intervalo que tem como substrato o reconhecimento permanente e instigante da incompletude do saber. Destarte, o tempo anterior à paragem alude a um movimento que ocorre, ancorado tanto na estabilização como na incompletude do descoberto, imprimindo ritmo de movimento ao incessante desejo de seguir a investigação. No olhar que se detém na paragem reside, também, a impulsão do movimento em direção a uma nova busca. Nesse sentido, o reconhecimento do valor e do limite próprio ao já sabido antecede e ancora o desejo de seguir desfrutando da investigação sobre o enigmático.

Sigmund Freud explicitou o desejo de que sua criação não coincidissem, tampouco ambicionasse, um saber totalizante, com assinalamentos que marcam presença em diferentes momentos de sua obra. Encontra-se, na definição de psicanálise, apresentada por Freud (1976a), o valor atribuído à pesquisa ao ser descrita como um procedimento para a *investigação* de processos mentais inconscientes (inacessíveis a outras formas de pesquisa), um procedimento terapêutico e um conjunto de conhecimentos em *contínua expansão* e *reformulação* sobre seu objeto. Em *Inibição, sintoma e ansiedade*, Freud (1976b) discorre sobre os obstáculos encontrados no desenvolvimento de sua teoria pulsional e, novamente, destaca sua disposição à investigação ao afirmar que: “decidimos nada simplificar e nada ocultar. Se não conseguirmos ver as coisas claramente, pelo menos veremos claramente quais são as obscuridades” (p. 147). A associação tecida entre *investigação*, *contínua expansão* e *reformulação* tem como efeito uma psicanálise concebida na abertura ao seu entorno, calcada no valor de necessária incompletude, e estimulada a ampliar-se, no potencial investigativo que as *obscuridades* continuamente lhe demandam.

Em outro momento da obra, o reconhecimento à incompletude do saber ressurgiu na escrita freudiana, enfatizando a diferença entre a psicanálise e outra forma de produção de saber que pretenda ser uma cosmogonia (*Weltanschauung*). É nesse contexto que Freud (2006) escreve, claramente, o que *não deveria ser a psicanálise*: “uma construção intelectual que soluciona

todos os problemas de nossa existência, uniformemente, com base em uma hipótese superior dominante, a qual, por conseguinte, não deixa nenhuma pergunta sem resposta e na qual tudo que nos interessa encontra um lugar fixo” (p. 193).

Como decorrência do percurso investigativo de Freud no universo acadêmico-científico do final do século XIX, as influências positivistas e a prática de experimentação própria à sua formação como médico encontram, paulatinamente, outros destinos, transformando radicalmente a prática inicial. Contrariando até mesmo suas pretensões iniciais de inclusão e reconhecimento nesta comunidade científica, Sigmund Freud não se furta a assumir o impacto de surpresas e imprevistos que se apresentam a partir de suas investigações. Na medida em que a teoria e a técnica são sempre secundárias em relação à força dinâmica dos fenômenos clínicos, impõe-se a necessidade de criação e inovação teórica e técnica, deixando evidente a Freud o alto custo de acomodar-se aos ditames da “maioria” científica. No reconhecimento a tais movimentos na obra freudiana, encontra-se, nos ensaios de psicanálise e filosofia escritos por Birman (2021), relevante ilustração. O título atribuído – *Ser justo com a psicanálise* – decorre da inspiração de Birman (2021), a partir de uma passagem de *História da loucura na Idade Clássica*, obra publicada por Michel Foucault em 1961. Nessa passagem, o filósofo francês menciona que Freud “reconheceu efetivamente a experiência da loucura em sua verdade, pois não concebeu mais o delírio como erro da razão, ao inscrevê-lo de forma eloquente como forma de linguagem e de discurso na sua positividade” (Birman, 2021, p. 16). Tal reconhecimento ao legado freudiano dá testemunho do distanciamento, cada vez mais evidente, da psicanálise em relação aos ditames de uma ciência psicológica da consciência e de uma psiquiatria anátomo-clínica. Para Birman (2021), o discurso freudiano constata os “estritos limites existentes para o registro do eu e da consciência no psiquismo”, permitindo, assim, que o conceito de inconsciente encontre “as suas condições concretas de possibilidades” (p. 37). Tais considerações ilustram a potência de uma obra aberta que se transforma e avança à medida que assume efeitos tanto da superação conceitual como das consequências de seus enunciados.

A investigação psicanalítica não se distancia ou desconhece aquilo que, desde a clínica, impõe-se à teoria. Nessa direção, escreve Hornstein (1989) que “o valor de uma teoria não é dado por sua coerência interna, mas por sua capacidade explicativa dos fenômenos” (p. 19). As articulações com a realidade são, portanto, essenciais. Delas decorre, continuamente, o fomento à alternância entre paragem e movimento, demarcando, na singularidade do caminho, a especificidade e o rigor da pesquisa psicanalítica.

Na obra freudiana, o reconhecimento da história constituída alimenta a força e a convicção do movimento a ser empreendido no passo a mais. Sem a investigação e exploração dos limites da consciência, a proposição do inconsciente não adquiriria tamanha relevância. O campo da pesquisa, paulatinamente, expande-se; os conceitos psicanalíticos ganham mobilidade e densidade; da escuta dos sintomas histéricos chega-se à complexidade dos sonhos e dos atos cotidianos, confirmando, assim, a suspeita de que equivar consciência ao psíquico e reprodução à sexualidade eram equívocos insustentáveis. A escuta dos padecimentos psíquicos adensa o campo teórico e fomenta transformações técnicas e, dessa forma, a interpretação amplia-se no recurso à construção. A neurose perde seu lugar de primazia no trabalho analítico, uma vez que se alargam as fronteiras de estudo, a compreensão das forças psíquicas e a singu-

laridade de seus efeitos. Ao propor a denominação de *borda* para descrever o “território de legitimidade teórica da psicanálise”, Birman (2021) contribui para a reflexão sobre como a fluidez, a mobilidade e a porosidade são essenciais à leitura do discurso freudiano como uma obra que “foi sendo constituída como um processo sempre recomeçado” (p. 29).

Na consideração sobre as modalidades de relação dos psicanalistas com o legado freudiano, Mayer (1989) aborda temas que se mantêm atuais. Segundo o autor, “há muitas formas de afastar-se de um caminho, de uma pessoa ou de uma obra, e também são muitas as maneiras de voltar” (p. 11). Ao discorrer sobre o movimento de voltar a Freud, o autor enfatiza não se tratar de promover a repetição mecânica e literal de sua obra. Mayer (1989) esclarece que sua forma de voltar aos escritos freudianos remete a “um convite a nos submergirmos neles, a explorar novas arestas, deixando-nos surpreender por sentidos insuspeitados, seguir até o que acreditamos ser um limite e depois... avançar um passo a mais” (p. 11). Trata-se de um convite singular, cuja essência alude à contínua demanda investigativa inerente ao labor de um psicanalista, dando condições para que se vislumbrem cenários que se apresentam além da clínica. Para Macedo e Dockhorn (2015), “a solidez das ferramentas em operação nesse campo e o valor do método permitem adentrar territórios nos quais, a partir de outras configurações do exercício investigativo, também se alimenta e se qualifica a prática de um psicanalista” (p. 85). São territórios nos quais a prática investigativa e seus desdobramentos fazem com que o pesquisar em psicanálise adquira outras especificidades.

A universidade tem sido, nos últimos anos, importante espaço de problematização e produção de conhecimentos em psicanálise. Sua relevância e sua contribuição à psicanálise evidenciam-se por meio do expressivo número de publicações em periódicos reconhecidos na área, bem como pela publicação primorosa de livros oriundos de programas de pós-graduação. São produções que contribuem, com muita qualidade e potência, para que a prática e a teoria psicanalítica sigam estimulando continuamente a reflexão necessária a respeito das condições humanas e das circunstâncias históricas (Macedo, 2022).

A universidade brasileira, mais especialmente, e seus diversos programas de pós-graduação são referência quando se trata de considerar a ampliação dos espaços de inserção e trabalho de psicanalistas nos tempos atuais. Cabe mencionar que, a partir dos anos de 1980, mediante a criação de programas de pós-graduação em psicanálise, a modalidade de inserção da psicanálise na universidade sofreu importante transformação (Birman, 2013). Já não se tratava apenas de uma inserção nos cursos de psicologia, psiquiatria ou outras áreas, mas, sim, de ocupar um espaço próprio ligado à formação de *pesquisadores* no campo da psicanálise (Birman, 2013; Fortes & Macedo, 2018). Nessa perspectiva, a universidade exerce seu papel fundamental quando, segundo Bleichmar (2005), não se limita a promover capacitações técnicas, mas, sim, aspira à formação de intelectuais críticos e atentos à complexidade dos mais diversos fenômenos humanos. Para a psicanálise os ganhos também são consideráveis.

São evidentes as diferenças entre a psicanálise exercida no campo clínico e aquela que se faz presente na Academia. Em seu texto de 1919, *Sobre o ensino da psicanálise nas universidades*, Freud afirmava, claramente, o quanto a universidade teria a ganhar com a inclusão do ensino da psicanálise e enunciava outras exigências pertinentes à prática da clínica psicanalítica. A demarcação de fronteiras entre universidades e instituições de formação de psicanalistas não deveria, porém, excluir o reconhecimento ao valor do convívio com a plurali-

dade de pensamento e às diferentes formas de relação com a psicanálise que a universidade proporciona.²

Importantes argumentos e reflexões sobre a relação entre psicanálise e universidade constam em capítulo escrito por Jean Laplanche (2015), intitulado “A favor da psicanálise na universidade”. Nesse texto, o autor aborda elementos que indicam ricas possibilidades para a favorável relação de reciprocidade entre ambas. A universidade oferecerá à psicanálise a experiência valiosa da confrontação rigorosa de posições, do exercício da argumentação, da pesquisa extramuros. Logo, a universidade funcionaria, segundo Laplanche (2015), como um antídoto às submissões institucionais – mesmo que não seja um antídoto infalível – com sua universalidade e liberdade de pensamento. No que se refere à universidade, abrigar o rigor e a ousadia do debate, a partir do reconhecimento de um campo epistemológico independente e plenamente legítimo como é a psicanálise, segundo Laplanche (2015), contempla inquestionável valor de contribuição à instituição. A crescente procura por parte de psicanalistas para cursar mestrado e doutorado dá testemunho das potencialidades advindas da inserção da psicanálise na universidade, bem como respalda a possibilidade de que, nesta relação recíproca, ambas se beneficiem (Macedo, 2022).

No intuito de ilustrar elementos referentes a contribuições da universidade ao interminável processo de formação de um psicanalista, desenvolvem-se, na sequência, considerações sobre a temática do método na pesquisa e o papel da escrita. Trata-se de questões que convocam o pesquisador a empreender singular trabalho que tem como base sua própria transferência com a psicanálise.

São inúmeras as situações nas quais o desafio do psicanalista, como pesquisador neste campo, remete a impasses relativos ao método. Quando não se trata de empreender uma pesquisa teórica, inevitavelmente, o caminho metodológico a ser percorrido se apresenta como demanda de trabalho ao pesquisador. É sempre oportuno reafirmar que

o trabalho com o método psicanalítico está pautado na consideração do sujeito em sua singularidade e como portador de um saber inconsciente. Logo, como não é apenas na clínica psicanalítica que este sujeito se faz presente, não deve ser somente no âmbito técnico a intervenção sobre os questionamentos que a existência humana convoca (Dockhorn & Macedo, 2015, p. 530).

A temática do método na pesquisa tem convocado os psicanalistas inseridos em programas de pós-graduação a um interessante trabalho de argumentação sobre a aproximação da psicanálise a diferentes contextos além da clínica resultando em expressiva escrita de artigos e livros (Birman, 1994; Caon, 1999; Iribarry, 2003; Rosa, 2004; Figueiredo & Minerbo, 2006; Dunker, 2011; Dockhorn & Macedo, 2015; Fulgêncio, Birman, Kupermann, & Cunha, 2018; Dal Forno & Macedo, 2021). Tais produções desenvolvem problemáticas e argumentos que permitem delimitar o método próprio à pesquisa em psicanálise alinhado à ética da psicanálise. A pesquisa em psicanálise assume, portanto, sua indissociabilidade com a proposição de um sujeito de inconsciente, da transferência, da escuta do singular e da interpretação. A argumentação, proposta por Dockhorn e Macedo (2015), contempla e sintetiza, em linhas gerais, o cerne da questão:

a pesquisa com o método psicanalítico atribui valor à produção de conhecimento oriundo da escuta singular da subjetividade, sendo imprescindí-

vel o conhecimento construído não a fim de generalizações, mas, sim, no sentido do aprofundamento e da problematização da questão ou problema de pesquisa. Logo, a especificidade do método psicanalítico sustenta-se na possibilidade de interpretação do que é desvelado do fenômeno que se estuda (p. 530).

É possível ampliar a reflexão a partir da consideração de Dal Forno e Macedo (2021) sobre o fato de que a “pesquisa psicanalítica começa na clínica, mais exatamente na clínica de Freud, estendendo seu método investigativo a outros espaços e fazendo valer sua epistemologia em uma nova concepção de sujeito a ser investigado pelo pesquisador psicanalítico nos mais variados contextos existenciais” (p. 4). A proximidade entre pesquisa e psicanálise, mais especificamente a aproximação da pesquisa às diretrizes cunhadas na clínica, mediante as quais as condições de escuta se vinculam à análise pessoal do analista, ganham repercussão na pesquisa desenvolvida na Academia. No recurso ao método psicanalítico, o pesquisador tem suas condições de trabalho também vinculadas à sua análise pessoal. Logo, “para a ação investigativa do pesquisador psicanalítico, a análise pessoal é a base de sustentação de seu ofício” (Dal Forno & Macedo, 2021, p. 5). Assim, não se equivale uma formação analítica ao exercício de pesquisa na pós-graduação, bem como não se trata de desconsiderar a inegável importância, para o trabalho de um pesquisador psicanalítico, da experiência primeira da análise pessoal empreendida (Caon, 1999). A condição de paragem, no processo de investigação de si mesmo, institui e consolida condições de movimento no pesquisar sobre o que está além do aparente, reconhecendo na subjetividade e no campo alteritário imprescindíveis condições para a especificidade e o rigor da pesquisa psicanalítica.

Cabe, a fim de concluir, mencionar, no escopo de reflexão sobre o pesquisar em psicanálise, algumas questões sobre a experiência da escrita. Em uma pesquisa de revisão sistemática realizada sobre a escrita psicanalítica a respeito de violência e preconceito (Macedo, Rosa, Felin, Friedrich, & Kother, no prelo), encontrou-se um dado relevante a respeito da circulação do conhecimento psicanalítico em revistas científicas. Foram observadas diferenças significativas de abrangência e circulação entre revistas científicas vinculadas aos programas de pós-graduação de universidades brasileiras e as provenientes de instituições de formação psicanalítica. Segundo os autores,

enquanto os estudos produzidos em instituições de ensino superior são mais numerosos, rigorosos e ganham maior destaque, aqueles produzidos em instituições de formação, além de serem pouco expressivos numericamente, apresentam menor qualidade metodológica, circulação restrita e impacto limitado quando observada a classificação de periódico Qualis.³

Dessa forma, a produção, decorrente de instituições voltadas à formação psicanalítica, tem, na maior parte das vezes, uma circulação restrita apenas entre pares, ou seja, entre aqueles que já compartilham do interesse pela psicanálise. De fato, importantes reflexões, denúncias e argumentações próprias à psicanálise, referentes à complexidade dos processos de subjetivação (implicações históricas, políticas e sociais), bem como o desvelamento de condições que marcam o laço social, perdem potência e impacto devido a essas restrições. Logo, a ausência de interlocução no campo interdisciplinar, a respeito de investigações e estudos realizados, empobrece a capacidade argumentativa assim como o acesso a indicadores potenciais de novas e necessárias investigações.

Desse modo, entende-se que um dos desdobramentos do pesquisar em psicanálise, vinculado à contínua formação de um psicanalista, inclui a atenção ao exercício de escrita que busque fomentar a potência da circulação de ideias e a fecunda interlocução com outras disciplinas.

Para finalizar, ressalta-se que a incompletude do saber e o não dogmatismo instituem uma psicanálise que não pode prescindir da prática investigativa. Tal reconhecimento parece estar mais consolidado como uma condição inerente ao exercício clínico. Na reflexão proposta neste texto, entende-se que a relação de um psicanalista com o legado freudiano e com seu exercício de escuta pode encontrar, na prática da pesquisa desenvolvida no cenário da universidade, importante linha de força em defesa de uma psicanálise que reconhece, tanto na história construída como no futuro a construir, profícuas condições de presença.

NOTAS

2. Atualmente nos deparamos com uma situação que comporta importante ataque à psicanálise. Trata-se do arдил presente na proposta de implementação na universidade de um bacharelado em psicanálise. Tal falácia confirma mais uma tentativa de imposição do projeto neoliberal ao mercantilizar e desmentir, via poder, regulamentação e controle, elementos irredutíveis à ética da psicanálise. O processo de formação analítica não prescinde de condições que são, definitivamente, incompatíveis à universidade.
3. Sistema de avaliação de publicações utilizado como matriz pelas instituições de ensino superior, notadamente nos programas de pós-graduação e do qual decorre uma série de ações relativas a fomentos e a classificações institucionais.

REFERÊNCIAS

- Bleichmar, S. (2005). **La subjetividade en riesgo**. Buenos Aires: Topía.
- Birman, J. (1994). **Psicanálise, ciência e cultura**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Birman, J. (2013). *Psychanalyse, politique et université*. In R. Chemama & C. Hoffmann (Orgs.), **Pratique psychanalytique et politique** (pp. 75-85). Paris: Editions Hermann.
- Birman, J. (2021). **Ser justo com a psicanálise: ensaios de psicanálise e filosofia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Caon, J. L. (1999). O pesquisador psicanalítico e a pesquisa psicanalítica. In J. A. T. Machado (Org.), **Filosofia e psicanálise: um diálogo** (pp. 35-73). Porto Alegre: Edipucrs.
- Dal Forno, C., & Macedo, M. M. K. (2021). Pesquisa psicanalítica: da transferência com a psicanálise à produção do ensaio metapsicológico. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, **37**(e37406).
- Dockhorn, C. N. B. F., & Macedo, M. M. K. (2015). Estratégia clínico-interpretativa: um recurso à pesquisa psicanalítica. **Psic.: Teor. e Pesq.**, **31**(4), 529-535. Recuperado de <http://dx.doi.org/10.1590/0102-37722015042473529535>